

COMPLÔ

O Senador José Sarney garante que o que atravança o caminho da distensão é um "complô" antidemocrático, composto por radicais de ambos os partidos. Os radicais consideram o debate perigoso, e o sufocam.

Sarney adverte que radicalização é que atravança a via democrática

"A democracia está difícil, no Brasil, porque há um complô de radicais, ensinando a desaprendê-la". Essa é a opinião do Senador José Sarney, da Arena do Maranhão. Ele acha que existem hoje, no Brasil, duas posições radicais: "a primeira acha que o conflito é um mal da sociedade e devemos fazer tudo para estabelecer uma profilaxia, para que ela não possa jamais eclodir sendo sempre sufocado; a segunda é uma posição formal que acha que o conflito pode desaparecer por simples texto legal". - Considera este segundo grupo que a lei extingue os conflitos. Desde que a lei exista, existe a harmonia social. Ambas as posições são antidemocráticas, porque nenhuma delas admite a base da sociedade democrática, que é o fato de o conflito ser inarredável - afirmou Sarney. A opção do MDB, segundo o Senador José Sarney, seria a da segunda posição radical: "eles crêem que bastaria a revogação de atos, como o AI-5 e o 477, para operar o milagre do restabelecimento do Estado de Direito". Quanto à primeira posição radical citada por ele, nela se enquadrariam, sem generalizações, elementos de ambos os partidos, igualmente radicais, igualmente antidemocráticos. Aqui, a entrevista de José Sarney



Sarney quer o fim da radicalização

P - A Arena é a primeira a ter conflito de pensamento e ação e, daí, nasce o impasse?

R - Não generalizo, acho que temos gente que pensa da mesma maneira dos dois lados e, por isso mesmo, a democracia fica difícil, não por falta de democracia, mas, para glosar o Alçada Batista, por falta de democratas.

P - O Senhor poderia explicar essa frase?

R - Em Portugal, depois da queda de Salazar, começou aquela balbúrdia dos diabos e todos falavam em democracia, em constituinte e, cada vez mais, a democracia ia ficando mais longe e o país afundando mais. Os portugueses chegaram à conclusão de que o que estava faltando à democracia portuguesa eram democratas e que os gestos valiam mais que as leis. Não eram as leis que iam fazer a democracia, mas a democracia que ia criar as leis democráticas.

P - Esta é uma alusão direta à Constituinte, pregada pelo MDB?

R - Esta história de Constituinte é bem velha. É um antigo hábito do PC, que vem dos tempos de Marx, que um documento (e naquele tempo era o Manifesto) é sempre um instrumento de mobilização da opinião pública. Eles venderam essa idéia ao mundo subdesenvolvido e os nossos Partidos políticos, sempre que se acham sem perspectiva sombria, lançam um slogan que é um manifesto como o da "Constituinte". Tivemos "Constituinte com Getúlio", "Constituinte com Jango" e agora Constituinte sem ninguém. Não quero dizer que a posição do MDB seja uma posição comunista. Longe de mim essa afirmativa. Cito o exemplo, como citaria o fato de que a idéia do Planejamento a nível de Estado é uma idéia Socialista que o mundo ocidental aceitou.

Se a Constituinte permite todas as reformas, exceto abolir a Federação e a República, como falar-se em Constituinte, se já temos esse poder no Congresso?

Como está na moda citar a Espanha, não é bom esquecer que Suarez não democratizou a Espanha, convocando uma Constituinte, mas as Cortes e que não revogou as leis franquistas ainda, mas os costumes franquistas.

Assim, nós no Brasil devemos lutar muito mais pelas práticas democráticas do que por soluções formais. A democracia é convivência, é conversa, como dizia Mangabeira, é diálogo. Está na hora de falar menos e conversar mais.

P - Acha assim que há clima para um entendimento nacional?

R - Acredito que sim. Na base de princípios, de um pacto básico que parta de dois pontos: a Revolução não é um fato

histórico só, é um fato político vivo e seu compromisso é com uma sociedade democrática. Partindo dessas duas realidades, é possível construir um programa de avanços políticos.

P - É possível então um acordo para uma distensão imediata?

R - Jamais deveremos pensar em Lanusse. O exemplo da Argentina é didático. Aquele país paga até hoje aquele erro. É claro que, tendo Lanusse, depois surgirá Videla. E um passo à frente que não avança e, sim, conduz ao abismo, quilômetros atrás. Mas acho que há muita gente hoje com os pés no chão dentro do MDB e sabe da necessidade de salvaguardas, para evitar que o desenvolvimento político seja frustrado. E salutar o movimento que se nota em grandes áreas do MDB, para uma meditação mais ampla sobre os problemas políticos do país.

P - E as reformas de Abril, não são retrocesso?

R - O Presidente Geisel fez essas reformas com a melhor das intenções. Ele evitou que se criasse um impasse muito maior à frente, com data marcada, já que havia uma falsa perspectiva de que a Revolução ia ser derubada pelo esmagamento eleitoral, coincidente com a sucessão presidencial. O Presidente tem pago um preço alto por essas medidas, mas, em breve, o país reconhecerá os relevantes motivos de sua decisão. Não é o fato da eleição indireta de um terço do Senado ou de governadores que transfere o país numa ditadura. O importante não é a forma da eleição: é sua essência. Ambas são democráticas. No império, os Senadores eram vitalícios e nomeados; os Presidentes de Província (Governadores), também nomeados. Na Espanha, agora mesmo, o Rei nomeia certo número de Senadores. Mas, esse mecanismo é feito para "harmonizar os conflitos da sociedade democrática", são escolhas legítimas dentro do jogo democrático, são práticas moderadoras dos atritos e que servem para criar a unidade e não a divisão. Desde que essas eleições funcionem dentro desses princípios, elas serão instrumento de uma sociedade democrática e não ditatorial. Assim, devemos pugnar para que se restaure a confiança no processo político e se usem esses mecanismos, em consonância com a vontade do povo e não como uma burla à opinião pública.

Temos países que têm eleições diretas e leis perfeitas, mas seus sistemas são ditatoriais e retrógrados.

P - O MDB tem achado que o regime está fraco e que as reformas podem levá-lo a uma abertura imediata, para sobreviver?

R - Tenho ouvido falar que há uma rebelião da sociedade civil contra o

governo, que as estruturas militares estão com fadiga do sistema, e muitas coisas mais. Acontece que essas hipóteses não têm apoio nos fatos. Querer jogar o País no caos, além de ser uma atitude impatriótica, é uma atitude inteiramente impossível e irrealista. São especulações do pessimismo festivo.

P - E as dificuldades econômicas?

R - As nossas dificuldades são absolutamente suportáveis. A balança comercial está se conduzindo bem, as tendências inflacionárias estão revertendo e devemos crescer este ano ainda a uma taxa de 6%, o que é extraordinário em relação ao mundo. O nosso problema mais crítico seria o problema político, mas este, sem dúvida alguma, estará encaminhado em breve.

A visão do MDB, ou melhor, de uma pequena parte do MDB quanto à fraqueza do governo, só leva a um caminho que é o da radicalização.

P - E a sucessão?

R - O Presidente Geisel comandará tranqüilo o processo da sucessão. A sua autoridade moral, a sua capacidade de comando fazem com que seja ele não somente o Chefe, mas o líder. Ele tem o apoio total do seu Partido e dos políticos, para encaminhar, na hora que achar conveniente, o problema. E não tenhamos dúvida de que ele achará a melhor solução. E obra da intriga dos inimigos da revolução achar que a autoridade do Presidente será

desestabilizada para o comando da sucessão.

Qualquer tentativa nesse sentido, para usufruir os subprodutos do caos será repelida e nem de longe pode acontecer ou ser examinada.

P - Acha que o Presidente Geisel pode institucionalizar o país, até o fim do seu mandato?

R - Acredito que o seu desejo seria este. Não considero uma hipótese impossível. Mas não depende só dele. Caso ele seja ajudado e compreendido poderemos chegar lá. Depende muito mais dos fatos do que realmente de uma decisão pessoal.

P - Como poderiam os políticos ajudar?

R - Conjurando qualquer crise, não alimentando-as, não radicalizando, e abandonando qualquer linha de contestação. Na construção dessa ajuda, a Oposição é básica e para isso deve ela abandonar a linha negativista, para enveredar pela estrada da análise e crítica do governo, mas, numa posição cooperativa em relação ao regime.

P - Dê alguns temas para um entendimento dos partidos:

R - A Democracia Social, a constitucionalização da revolução com respeito aos direitos individuais, salvaguarda da ordem interna e da segurança, criação de instrumentos eficazes de autodefesa do regime, como o Conselho de Estado, reorganização partidária.